

## GÊNERO EM SALA DE AULA DE INGLÊS PARA INICIANTES: REAÇÕES DE ALUNOS/AS A TEMAS CRÍTICOS

Luciana Rezende FERNANDES  
Rosane Rocha PESSOA  
Faculdade de Letras/UFG  
[lurefer@gmail.com](mailto:lurefer@gmail.com)

**Palavras-chave:** linguística aplicada crítica, gênero, professor(a) pesquisador(a).

### Introdução

A pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo é um estudo de caso no campo da linguística aplicada crítica, focando os temas *gênero* e *sexualidade*. Consiste no desenvolvimento de diversas atividades críticas em uma sala de aula de inglês para iniciantes do Centro de Línguas (CL) da Universidade Federal de Goiás (UFG), com a intenção de analisar os desafios do trabalho com temas críticos em turmas iniciantes em que se prioriza o uso da língua-alvo. Trata-se de atividades sobre situações vivenciadas por mulheres e pelas próprias alunas, como jornada dupla de trabalho das mulheres; sobre homossexualidade; e sobre diferentes arranjos familiares, diferentes dos reforçados e impostos pelo padrão hegemônico, como famílias de casais homossexuais, visando observar as reações e percepções que os/as alunos/as têm em relação a esses temas críticos e a minha postura ao abordar esses temas críticos em sala.

As perguntas da pesquisa são: 1. Qual a reação e a percepção de alunos e alunas em relação aos temas críticos abordados em sala?; 2. É possível trabalhar com temas críticos em turmas iniciantes sem usar o português? Como e quais os resultados?; 3. Qual a postura assumida por mim ao abordar temas críticos? Como a análise dos dados está em andamento, aqui serão focalizadas apenas a primeira e a segunda perguntas, mas, antes disso, apresento uma breve justificativa teórica.

Dentre os novos paradigmas na ciência na pós-modernidade, destaca-se o paradigma crítico, que pretende desenvolver uma ciência mais voltada para a prática, para a realidade vivida pelos sujeitos, para o engajamento político e a ação social, tendo em vista uma transformação da realidade vivida pelos sujeitos da pesquisa (LINCOLM; GUBA, 2006).

Nessa perspectiva, Moita Lopes (2006) defende uma linguística aplicada indisciplinar que transgrida as barreiras entre as diversas áreas da ciência; acabe com a separação entre teoria e prática, pesquisador(a) e objeto de estudo; seja voltada para as minorias e os oprimidos; tenha um comprometimento político e atue de forma ética contra o sofrimento humano em busca de uma transformação da ordem hegemônica causadora de sofrimento e opressão na nossa sociedade. Ciência esta na qual a teoria e a prática estejam cada vez mais interligadas e complementando-se mutuamente, produzindo uma teoria que questione, problematize e desconstrua noções naturalizadas em nossa sociedade e que aborde questões relacionadas à classe, raça e gênero.

Como já mencionado, no meu estudo, focalizarei gênero e sexualidade, com a intenção de confrontar algumas das noções hegemônicas e essencializadas sobre feminino e masculino, família nuclear e casamento heterossexual. Ao tratar de gênero, Louro (2007) destaca a importância do surgimento e da difusão do conceito de gênero nos estudos feministas, buscando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” (SCOTT, 1995 apud LOURO, 2007, p. 21). Assim, ela destaca o conceito de gênero como construção social, relativa a cada sociedade, ou mesmo grupo social, em determinado momento histórico. Segundo ela, cada sociedade constrói suas próprias identidades de gênero, que estão em constante mudança – já que não são fixas e estáveis.

Louro (2007) também destaca a importância de desconstruir a ideia da dicotomia masculino/feminino, dominação/submissão e de levar em consideração a existência de masculinidades e feminilidades distintas das definidas pelo padrão hegemônico heterossexual – incluindo aqui homens e mulheres que vivenciam gênero de maneira distinta daquela ditada pela norma heterossexual. Desse modo, acredito ser importante que nós, docentes de línguas, abordemos temas relacionados a gênero em sala de aula, contribuindo com essa desconstrução de concepções naturalizadas.

Durante essa pesquisa assumo o papel de professora e pesquisadora ao mesmo tempo, já que outro ponto a ser destacado no novo paradigma crítico de ciência é o papel do/a pesquisador(a) e o questionamento da existência de neutralidade na pesquisa. Abandona-se a crença na objetividade e neutralidade científicas em favor de uma maior aproximação crítica do/a pesquisador(a) de seu objeto. O/A pesquisador(a) não é mais o “outro”, mas pelo contrário, pesquisa seu

próprio grupo. No meu caso, pesquisei minha própria sala de aula, minha própria ação e postura como professora ao abordar temas críticos relacionados a gênero.

## **Metodologia**

Este estudo é uma pesquisa de caráter qualitativo. Pesquisas qualitativas se caracterizam por apresentar uma abordagem naturalista, ou seja, são realizadas em seu ambiente natural, no caso deste estudo, em sala de aula; e por serem interpretativistas, já que as interpretações do(a) pesquisador(a) se baseiam no significado que os/as próprios/as participantes da pesquisa conferem ao fenômeno estudado (DENZIN; LINCOLN, 2006). É também um estudo de caso, já que investiga de forma detalhada e aprofundada um fenômeno específico, tendo em vista alcançar a máxima compreensão possível desse fenômeno (SERRANO, 1998).

A presente pesquisa foi realizada em uma turma de inglês para iniciantes no Centro de Línguas, um projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás, no segundo semestre de 2010. Os participantes foram quatorze alunos, quatro alunas e eu (professora pesquisadora).

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram: vídeos de três apresentações críticas<sup>1</sup> realizadas em sala; três questionários respondidos após as apresentações críticas; duas tarefas de casa relacionadas com os temas das apresentações; duas questões da última avaliação escrita; e o meu diário como professora pesquisadora.

## **Análise dos dados**

Como os dados ainda estão sendo analisados, será mostrada aqui uma análise preliminar no que diz respeito à reação dos/as alunos/as acerca dos tópicos

---

<sup>1</sup> Foram analisadas três apresentações críticas realizadas no decorrer do segundo semestre de 2010 na turma de Inglês I observada. Na primeira apresentação, utilizei a foto de dois travestis e perguntei aos alunos o que eles achavam que seria a rotina deles no sábado. Na segunda apresentação, discuti a dupla jornada de trabalho das mulheres em suas famílias, perguntando primeiramente quantas horas semanais homens e mulheres de suas famílias dedicavam à realização de tarefas domésticas; ao final apresentei uma tabela com as estatísticas do IBGE sobre o tema. Na terceira apresentação, a partir da foto de um casal de homossexuais e sua filha, pedi que os alunos fizessem perguntas sobre a família em grupos e, ao final da apresentação, respondemos em conjunto às perguntas elaboradas por eles. Após cada uma dessas apresentações foi aplicado um questionário em sala, no qual eles deveriam responder, em português, o que achavam do tópico da apresentação e como se sentiram durante esta. Duas tarefas de casa foram feitas, em forma de redação, sobre os tópicos abordados: homossexualidade e dupla jornada da mulher. As tarefas de casa foram escritas em inglês, sendo que os excertos delas citados neste trabalho foram traduzidos para o português.

apresentados e à possibilidade (ou não) de trabalhar com ensino crítico em níveis iniciantes sem a utilização da língua materna. A reação dos/as alunos/as quanto aos tópicos apresentados – gênero e sexualidade – foi variada.

As duas apresentações em que foram utilizadas a foto de travestis e do casal homossexual com sua filha possibilitaram reflexão sobre temas, que, segundo alguns/mas, eram distante de sua realidade:

Achei um tema bom, porque foge um pouco do cotidiano, e ao mesmo tempo ensina a não ter discriminação sobre casais homossexuais. (George Lucas – Q3)

No entanto, a existência de homossexuais, segundo Louro (2007, p. 68, grifos no original), é na verdade, ocultada e negada e, ao não se falar deles/as “talvez se pretenda ‘eliminá-los/as’”. Além disso, acrescenta a autora, “o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma garantia da ‘norma’. A ignorância (chamada por alguns de *inocência*) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos ‘bons’ e confiáveis”.

Alguns/mas alunos/as responderam em seus questionários que se sentiram “normal” durante as atividades de apresentação, mas suas reações às primeira e terceira apresentações demonstram certo desconforto quanto ao tópico. As notas do diário e o vídeo mostram que houve risinhos e brincadeiras em tom jocoso, o que foi também destacado por um dos colegas no seguinte excerto do questionário aplicado logo após a primeira apresentação:

Achei muito interessante, é importante abordar temas que são considerados “polêmicos”, as opiniões das pessoas são as mais diversas, algumas agem naturalmente, outras já fazem brincadeiras sem graça alguma. Muito bom! Gostaria que você abordasse outros temas desses para gerar um diálogo na sala entre os colegas. Me senti muito à vontade. Tenho vários amigos homossexuais, transformistas, para mim é legal, todo ser humano é livre para fazer o que quiser. (Pica-pau – Q1)

Ainda com relação ao tópico homossexualidade, notou-se certa resistência quanto a uma das tarefas de casa. Pedi que os/as alunos/as escrevessem uma redação curta sobre a rotina de um casal de lésbicas. Sete dos/as alunos/as que fizeram a tarefa demonstraram certa resistência quanto a abordar o tema: cinco escreveram sobre as duas mulheres da foto ignorando o fato de que formavam um casal (apresentaram-nas como amigas, irmãs, colegas de trabalho e apartamento); e dois alunos sequer escreveram sobre a foto. Esse é um exemplo ainda mais claro da negação dos/as homossexuais, pois se recusar a falar ou a

escrever sobre eles/as significa colocá-los/as no lugar de desviantes, indesejados/das ou ridículos/as (LOURO, 2007).

Quanto ao tópico da jornada dupla de trabalho das mulheres, os/as alunos/as reagiram com maior naturalidade e tranquilidade durante a atividade de apresentação (segunda apresentação). Isso provavelmente se deve ao fato de hoje já ser comum a mulher ter um trabalho remunerado além de realizar o trabalho doméstico, não constituindo uma transgressão de uma norma, como no caso dos travestis e do casal homossexual. No questionário, alguns/mas alunos/as disseram que esse tópico faz mais parte de seu cotidiano, como exposto na resposta da July ao segundo questionário:

Mais interessante do que o primeiro [sobre o que os travestis fazem no sábado], pois podemos usá-lo no dia-a-dia. [Me senti] mais à vontade, quando estamos inseridos no contexto, o aprendizado é melhor, essa é a impressão. (July – Q2)

Pôde-se notar também, especialmente na tarefa de casa posterior e nas questões da prova sobre o tema, que reflexões foram feitas sobre a condição das mulheres, o que julgo ser bastante positivo já que é um tema geralmente pouco discutido. Apesar de a maioria dos/as alunos/as reconhecerem que a distribuição das tarefas domésticas em suas famílias é desigual, alguns opinaram a favor de uma distribuição igualitária, como mostra o seguinte excerto:

Na minha opinião, é correto que todos ajudemos em casa porque todos vivemos juntos. (Lina – HW2)

Na minha opinião, deveria haver uma distribuição de responsabilidades entre homens e mulheres em relação às tarefas domésticas, porque se a mulher pode trabalhar fora e ajudar financeiramente em casa, então o homem pode fazer o mesmo. (Doug – HW2)

O papel da mulher como responsável pelas tarefas domésticas, independentemente de trabalhar fora de casa ou não, é naturalizado na nossa sociedade e é necessário que seja problematizado e questionado. Como afirma Louro (2007), ao falar de estudos sobre os livros didáticos e paradidáticos, observa-se o predomínio de uma concepção dicotomizada de dois mundos: o feminino, ligado à esfera doméstica, e o masculino, relacionado à esfera pública. Segundo a autora, é importante que reconheçamos essas concepções que reproduzem e reforçam relações de poder hierarquizadas entre os gêneros, instituindo desigualdades e opressões, no sentido de intervir e subverter essa realidade.

Em vista de tantas reações distintas aos tópicos críticos abordados, dentre elas surpresa, resistência, naturalidade ou aceitação, acredito ser bastante importante utilizar a sala de aula como um espaço de resistência e questionamento de concepções naturalizadas causadoras de sofrimento e opressão. Tal ideia encontra respaldo no texto de uma das alunas a respeito do casal de homossexuais e sua filha:

Achei legal, pois devemos olhar essas famílias sem preconceito e mudar um pouco, sem contos de fadas. Talvez essa criança seja mais amada do que com pai e mãe. Acredito que o importante é ser feliz, sem preconceito.” (Lina – Q3)

Portanto, com base nos dados analisados até o presente momento, aponta-se para a possibilidade de realização de ensino crítico em aulas de inglês para iniciantes, desde que sejam preparados materiais didáticos compatíveis com o nível de conhecimento/competência linguística deles/as na língua-alvo. Assim, se não for possível usar textos e vídeos de um nível avançado de inglês, podem-se utilizar recursos visuais os mais variados, como figuras, tabelas, vídeos curtos etc.

### **Considerações finais**

Como observado na presente pesquisa, as reações dos/as alunos/as aos temas críticos abordados em sala são variadas, desde surpresa e resistência à naturalidade e aceitação. Além disso, pôde-se notar o desenvolvimento de certa reflexão por parte dos/as alunos/as em relação aos temas propostos. De acordo com a análise preliminar realizada, a pesquisa aponta para a possibilidade de trabalhar com ensino crítico em níveis iniciantes sem o uso do português. Com relação aos resultados desse ensino crítico para iniciantes e à postura da professora ao abordar esses tópicos, estes serão analisados posteriormente.

### **Referências bibliográficas**

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de S. R. Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.85-107.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento em pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de S. R. Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SERRANO, G. P. *Investigación cualitativa: retos e interrogantes: I. Métodos*. 2 ed. Madrid: La Muralla. 1998.